

Quando era criança, o meu grande desejo era ter um pombal. Nunca conheci desejo mais forte. Aos nove anos o meu pai prometeu-me dinheiro para tábuas e para três casais de pombas. Foi em mil novecentos e quatro. Eu preparava-me para passar os exames para o grau preparatório no liceu de Nikolayev. A minha família vivia então na cidade de Nikolayev, província de Jerson. Hoje a província não existe: aquela nossa cidade foi incorporada à região de Odessa.

Tinha apenas nove anos e temia os exames. Em ambas as cadeiras, Russo e Matemática, não podia tirar menos de [cinco pontos](#). A percentagem no nosso liceu era muito pequena: cinco por cento. De quarenta crianças, só se podiam matricular no grau preparatório dois judeus. A estas crianças, os professores perguntavam com arte: não interrogavam ninguém com tantas argúcias como a nós. Por isso o meu pai me prometeu as pombas em troca de dois cincos com cruces. Tinha-me totalmente martirizado; caí numa modorra interminável, num longo sonho infantil de desespero. Submerso nesse torpor fui a exame, e, não obstante, passei a prova melhor do que os outros.

Tinha jeito para as ciências. Os professores, apesar de todas as suas argúcias, não me podiam privar da inteligência e de uma memória ávida. Depois tudo mudou. Jariton Efrussi, armazenista de cereais, que exportava trigo para Marselha, deu quinhentos rublos pelo filho, a mim deram-me um cinco com menos em vez do cinco, e no meu lugar entrou para o liceu Efrussi filho. O meu pai não encontrava consolação. Desde os seis anos que me ensinava todas as ciências que eu podia assimilar. O sinal menos encheu-o de desespero. Quis bater em Efrussi ou subornar dois estivadores para que batessem em Efrussi, mas a minha mãe dissuadiu-o e eu comecei a preparar-me para os exames do ano seguinte para o primeiro grau. Sem eu saber, os meus pais animaram o professor a passar num ano o curso preparatório e de primeiro grau e, como estávamos desiludidos de tudo, decorei três livros de texto. Os três livros eram a gramática de Smirnovski, o compêndio de problemas de Evtushevski e a história inicial da Rússia de Putsikovich. As crianças já não estudam hoje por esses manuais, mas eu aprendi-os de cabo a rabo, e no ano seguinte, no exame de língua russa, o professor Karavayev deu-me um insuperável cinco com uma cruz.

Esse Karavayev era um homem corado e violento, procedente do estudantado moscovita. Contava trinta anos escassos. Nas faces viris ardiam cores de camponês abastado; numa das faces tinha uma verruga da qual nascia um mato de pêlos de gato cinzentos. Além de Karavayev, assistiu ao exame Piátnitski, vice-reitor, considerado pessoa importante no liceu e em toda a província. O vice-reitor fez-me perguntas acerca de Pedro Primeiro; senti uma sensação de aturdimento, uma sensação de proximidade do fim e do abismo, um abismo seco, enxuto de exaltação e desespero.

Sabia Pedro Primeiro de memória pelo manual de Putsikovich e pelos versos de Puchkine. Grunhi os versos, os rostos humanos voltaram-se nos meus olhos e baralharam-se ali como cartas novas. Misturaram-se no fundo dos meus olhos enquanto eu, trémulo, erguendo-me e apressando-me, gritava a plenos pulmões o poema puchkiniano. Gritei-os durante muito tempo: ninguém interrompeu a minha demencial e balbuciante verborreia. Através de uma cegueira purpúrea, através da liberdade que me arrebatava, só percebia o rosto velho, inclinado, de Piátnitski com a sua barba prateada. Não me interrompeu e só disse a Karavayev, satisfeito comigo e com Puchkine:

- Que povo - murmurou o ancião - estes judeus. Levam o Diabo dentro.

Quando me calei, disse-me:

- Bom, vai-te embora, meu amigo...

Saí para o corredor e ali, encostado à parede, comecei a despertar da convulsão dos meus sonhos. As crianças russas brincavam ali à volta, a campainha do liceu estava pendurada junto da caixa da escada oficial, o contínuo dormitava numa cadeira em mau estado. Eu contemplava o contínuo e acordava. Os outros rapazes aproximavam-se de mim por todos os lados. Vinham dar-me beliscões ou brincar, mas nisto Piátnitski apareceu no corredor. Ia-me ultrapassar mas deteve-se um momento; o casaco formou uma ondulação complicada e lenta nas suas costas. Notei perturbação naquelas costas espaçosas, carnudas e senhoriais e avancei para o velho.

- Meninos - disse ele aos alunos -, não toquem neste rapaz. - Colocou a mão gorda e suave no meu ombro e prosseguiu, voltando-se para mim: - Amigo, diz ao teu pai que ingressaste no primeiro grau.

Uma estrela exuberante refulgiu-lhe no peito, as ordens tilintaram no rebuço. O seu corpo grande, negro, uniformizado, afastou-se sobre umas pernas rígidas. O corpo seguia comprimido pelas paredes foscas, movia-se entre elas como se move uma barçaça num canal profundo e desapareceu na porta do gabinete do reitor. Um empregado levou-lhe chá, com um ruído solene, e eu comecei a correr para a loja, para casa.

Na loja um comprador aldeão hesitava cheio de indecisões. Ao ver-me, meu pai abandonou o camponês e não duvidou do meu relato. Gritou ao empregado que fechasse a loja e foi à Rua Sobornaya para me comprar uma gorra com escudo. A minha pobre mãe resgatou-me com dificuldade daquele homem enlouquecido. Naquele momento minha mãe estava pálida e desafiava o destino. Tão depressa me acariciava como me afastava com repugnância. Disse que a lista dos matriculados no liceu se publica nos jornais e que Deus nos castigaria e as pessoas zombariam de nós se comprássemos o uniforme antes do tempo. Minha mãe estava pálida, lia o destino nos meus olhos e examinava-me com amarga compaixão, como a um aleijado, porque só ela conhecia a desdita da nossa família.

Todos os homens da nossa estirpe eram confiantes com as pessoas e prontos a acções irreflectidas. Não tínhamos sorte em nada. O meu avô, rabino em Bélaya Tserkov e expulso por heresia aos quarenta anos, viveu ruidosa e pobremente outros tantos anos, estudou línguas estrangeiras e começou a perder o juízo ao raiar dos oitenta. O tio Liev, irmão do meu pai, estudou no seminário de Volozhin, fugiu em 1892 ao serviço militar e raptou a filha de um intendente da região de Kiev. O meu tio Liev levou a mulher para a América, para Los Angeles, Califórnia, abandonou-a ali e morreu numa casa de vícios entre negros e malaios. Depois da morte dele, a polícia de Los Angeles enviou-nos a herança: um grande baú guarnecido com aros castanhos. O baú continha aparelhos de ginástica, mechas de cabelo de mulher, o *taled* do meu avô, chicotes com punho dourado e chá em estojos adornados com pérolas falsas. De toda a família só restavam Simão, meu tio louco que vivia em Odessa, o meu pai e eu. Mas o meu pai confiava nas pessoas, ofendia-as com a exaltação do primeiro amor e as pessoas não lhe perdoavam e enganavam-no. Por isso o meu pai acreditava que a sua vida era regida por um fado maligno, por um ser inexplicável que o perseguia e que não se parecia com ele em nada. Desse modo, só eu restava à minha mãe. Como todos os judeus, eu era de pouca estatura, débil, e tinha dores de cabeça de tanto estudar. Minha mãe via tudo isso e nunca se deixou cegar pelo mísero orgulho do marido nem pela sua fé inexplicável de que algum dia a nossa família seria a mais forte e rica do mundo. Ela não confiava na nossa sorte, temia comprar o uniforme antes do tempo e só permitiu que me fotografassem para um retrato grande.

A vinte de Setembro de mil novecentos e cinco penduraram no liceu a lista dos admitidos ao primeiro

grau. O meu nome estava ali. Toda a família foi ver aquele papel; até Shoil, meu tio-avô, foi ao liceu. Eu estimava aquele velho fanfarrão porque vendia peixe no mercado. As suas mãos roliças, húmidas, cobertas de escamas de peixe, cheiravam a formosos mundos frios. Shoil destacava-se do comum das pessoas com as suas inverosímeis histórias sobre a insurreição polaca de 1861. Muito tempo antes, Shoil tinha sido taberneiro em Skvir e viu como os soldados de Nicolau Primeiro fuzilaram o conde Godlevski e outros insurrectos polacos. Talvez não tenha visto. Agora sei que Shoil não passava de um velho ignorante e de um mentiroso sem estilo, mas não esqueci as suas patranhas; eram bem construídas. Portanto, até o mentecapto do Shoil foi ao liceu ver a lista com o meu nome e à noite dançou na nossa pobre festa.

O meu pai, que não cabia em si de alegria, deu uma festa e convidou os seus amigos: traficantes de trigo, comissionistas em venda de quintas e os viajantes que vendiam maquinaria agrícola na nossa comarca. Aqueles viajantes vendiam máquinas a um qualquer. Os camponeses e os proprietários temiam-nos: era impossível libertarem-se deles sem lhes comprarem qualquer coisa. Entre os judeus, os viajantes eram as pessoas mais vivas e alegres. Na nossa festa entoaram canções *hasiditas* cuja letra só tinha três palavras, mas que se cantavam durante muito tempo e com um número interminável de inflexões divertidas. A piada dessas inflexões só é acessível àquele que celebrou a Páscoa entre os *hasiditas*, ou àquele que esteve nas suas ruidosas sinagogas de Volin. Além dos viajantes veio o velho Lieberman que me ensinava a Tora e o hebreu antigo. Bebeu vinho da Bessarábia para além da sua conta, os tradicionais cordões de seda assomaram por baixo do seu casaco vermelho e pronunciou em minha honra um brinde em hebreu antigo. Nesse brinde o velho felicitou os meus pais e disse que eu vencera no exame todos os meus inimigos, vencera os bochechudos meninos russos e os filhos dos nossos ricos. Na Antiguidade, David, rei judeu, também venceu Golias, e, do mesmo modo que eu me impusera a Golias, o nosso povo venceria com a força da sua inteligência os inimigos que nos cercavam e que ansiavam pelo nosso sangue. Lieberman disse isso e começou a chorar, e enquanto chorava bebeu mais vinho e gritou: «Viva!» Os convidados fizeram coro e começaram a dançar em torno dele uma velha quadrilha como nas bodas de um lugar judeu. Todos estavam alegres na nossa festa; a minha mãe bebeu vinho, embora não bebesse vodka e não compreendesse como se podia gostar daquilo; por essa razão tinha todos os russos por loucos e não concebia como as mulheres russas suportavam os maridos loucos.

Mas os nossos dias felizes vieram mais tarde. Para a mamã vieram com as manhãs em que me preparava sandes antes de eu ir para o liceu, quando percorremos as lojas para comprar os meus utensílios de Reis Magos: a arca, a pasta, a caixa das penas, os livros novos com capas de cartão e os cadernos com capas envernizadas. No mundo ninguém sente as coisas novas com a mesma força com que as sente a criança. A criança estremece perante esse cheiro como o cão ante as pegadas da lebre e sente uma loucura que depois, quando somos adultos, se chama inspiração. Esse puro sentimento infantil de proprietário de coisas novas transmitia-se a minha mãe. Estivemos um mês a habituarmo-nos à caixa das penas e à penumbra matinal quando eu me sentava a tomar o chá no canto da espaçosa mesa iluminada e colocava os livros na pasta; estivemos um mês a habituarmo-nos à nossa vida feliz e só ao acabar esse período me voltei a lembrar das pombas.

Tinha tudo preparado para elas: um rublo e meio e um pombal que o tio Shoil construiu com uma caixa. O pombal estava pintado de castanho. Tinha ninhos para doze casais de pombas, tabuinhas no telhado e um enredado especial que eu inventei para apanhar melhor as pombas alheias. Tudo estava a postos. No domingo vinte de Outubro dispus-me a ir à Ojótnitskaya, mas surgiram obstáculos imprevistos.

A história que estou a contar, a minha matricula no primeiro grau do liceu, ocorreu no Outono de mil

novecentos e cinco. Foi quando o czar Nicolau outorgou a Constituição ao povo russo: oradores com agasalhos coçados arengavam ao povo diante do edifício da Administração. De noite ouviam-se tiros pelas ruas e a minha mãe não queria que eu fosse à Ojótnitskaya. Na manhã de vinte de Outubro os rapazes da vizinhança lançaram um papagaio de papel diante do próprio Comissariado e o nosso aguadeiro deixou o trabalho e passeou enfeitado, com a cara pintalgada. Depois vimos os filhos do padeiro Kalístov tirar um cavalo de pau e fazer ginástica no meio da rua. Ninguém os interrompeu. Mais ainda: o guarda municipal Semérnikov incitava-os a saltar mais alto. Semérnikov tinha um cinto de seda de fabrico caseiro e tinha engraxado nesse dia as botas até atingirem um brilho até então desconhecido. Nada assustou tanto a mamã como o municipal vestido de maneira pouco regulamentar; por isso não me deixava sair, mas escapei-me e, atravessando pátios, cheguei à Ojótnitskaya, atrás da estação.

Na Ojótnitskaya, no seu lugar de sempre, estava Ivan Nikodimich, o vendedor de pombas. Além das pombas, vendia coelhos e um pavão. O pavão com a cauda estendida e empoleirado num pau, movia de um lado para o outro a sua impávida cabeça. Tinha uma pata atada com um cordel. Logo que cheguei comprei ao velho um casal de pombas avermelhadas de caudas exuberantes e despenteadas e um outro casal de pombas chamadas de macaco. Meti-as numa saca que trazia no peito, e da compra sobravam-me quarenta copeques, mas o velho não me cedia por esse dinheiro um par «kriukovo». Eu gostava das «kriukovo» por causa dos bicos curtos, granuloso, benevolentes. Quarenta copeques era o preço justo, mas o caçador regateava e torcia a cara amarelada, abrasada por recalçadas paixões de passarinho. O mercado estava a finalizar, e ao ver que não apareciam outros compradores, Ivan Nikodimich chamou-me. [Tudo saiu como eu queria e tudo saiu torto.](#)

A onze e pico, ou algo mais tarde, atravessou o mercado um homem com botas de feltro. Caminhava levemente em cima das pernas inchadas e na cara de ébrio ardiam olhos entusiásticos.

- Ivan Nikodimich - disse ele ao passar ao lado do passarinho -, largue as ferramentas: na cidade os fidalgos de Jerusalém recebem a Constituição. Na Ribnaya, deixaram nas últimas o velho Babel.

Disse aquilo e passou levemente entre as gaiolas como o labrego que caminha descalço pelo atalho.

- Malfeito - resmungou Ivan Nikodimich nas costas do caminhante -, malfeito - gritou novamente, com maior severidade; recolheu os coelhos e o pavão e deu-me as «kriukovo» por quarenta copeques.

Meti-as no peito e vi como as pessoas abandonavam a Ojótnitskaya. Por último seguia o pavão no ombro de Ivan Nikodimich. Ia como o Sol no húmido céu outonal, como Julho na margem rosada do rio, um Julho incandescente entre alta erva fresca. No mercado não ficava ninguém e os tiros soavam perto. Lancei-me a correr para a estação, atravessei um jardim que se enfiou nos meus olhos e irrompi numa viela deserta com um chão de terra amarela. No final da viela estava na sua cadeira de rodas o coxo Makarenko que naquela cadeira percorria a cidade vendendo tabaco. Os rapazes do nosso bairro compravam-lhe tabaco, as crianças gostavam dele e eu corri pela viela até junto dele.

- Makarenko - disse eu, com a respiração entrecortada pela corrida e acariciando o ombro do coxo -, viste Shoil?

O mutilado não respondeu. A sua cara tosca, feita de gordura vermelha, era transparente. Remexia-se na cadeira, nervoso; Katiusha, a mulher, voltou para ele o fofo traseiro enquanto classificava os objectos empilhados no chão.

- Que contaste? - perguntou o mutilado, reclinando todo o corpo como se não pudesse, de antemão,

suportar a resposta.

- Catorze polainas - disse Katiusha sem se endireitar -, seis mantas e agora vou contar as coifas...

- Coifas - gritou Makarenko; a respiração cortou-se-lhe e emitiu algo que se assemelhava a um gemido. - Está visto, Katerina, que Deus me indicou a mim para responder por todos... As pessoas levam o tecido por peças. As pessoas levam o que é bom e a nós dão-nos coifas...

Assim era. Pela viela passou a correr uma mulher de formoso rosto incendiado. Levava um monte de roupas numa das mãos e na outra uma peça de pano. Com voz feliz e desesperada chamava os filhos extraviados; arrastava o vestido de seda e o casaco azul atrás do corpo veloz e não ouvia Makarenko que a seguia na sua cadeira. O mutilado ia ficando para trás, as rodas chiavam, e ele movia as alavancas com todas as forças.

- Senhora - gritou ele com voz de estertor -, de onde tirou o percal, senhora?

Mas a mulher do vestido veloz lá tinha desaparecido. Na direcção oposta apareceu na esquina um carro cambaleante. Um aldeão ia no carro, em pé.

- Para onde correm as pessoas? - perguntou o rapaz, erguendo uma rédea vermelha sobre os sendeiros que se agitavam metidos nas suas coleiras.

- Estão todos na Praça da Catedral - respondeu suplicando Makarenko -, está ali toda a gente, bom homem. Tudo o que arranjes trá-lo aqui. Compro-te tudo.

O rapaz inclinou-se para a frente e chicoteou os cavalos malhados. Os pobres sendeiros curvetearam as garupas sujas e iniciaram o trote. A viela amarela voltou a ficar amarela e deserta; então o mutilado voltou para mim os seus olhos apagados.

- Acaso Deus me indicou a mim? - disse desfalecido. - Acaso sou eu o filho do homem?...

E Makarenko estendeu-me a mão salpicada pela lepra.

- Que levas na saca? - disse, pegando naquilo que me aquecia o coração. A mão grossa do mutilado alarmou os animais e tirou a pomba avermelhada. A ave repousava na mão dele com as patas estiradas.

- Pombas - disse Makarenko, e fazendo chiar as rodas aproximou-se de mim -, pombas - repetiu batendo-me na cara.

- Bateu-me de revés com a mão que segurava a ave. O traseiro fofo de Katiusha revolveu-se nas minhas pupilas e caí ao chão com o meu sobretudo novo.

- É preciso eliminar toda a semente deles - disse então Katiusha, inclinando-se sobre as coifas -, não posso ver a semente deles nem os seus homens malcheirosos...

Disse algo mais acerca da nossa semente, mas não ouvi. Estava estendido no chão e por mim escorriam os intestinos do pássaro esmagado. Escorriam-me ao longo das faces, serpenteando, salpicando e cegando-me. A tripa suave da pomba deslizou pela minha fronte; fechei o único olho ainda aberto para não ver o mundo que se estendia diante de mim. Esse mundo era pequeno e terrível. Jazia ante os meus olhos uma pedra, uma pedra rugosa como a cara de uma velha com grandes queixos; um pouco mais além havia uma corda e um monte de penas ainda palpitantes. Fechei os olhos para o não ver e

comprimi-me contra a terra que estava sob mim com a sua mudez tranquilizadora. Aquela terra pisada não se parecia com a nossa vida nem com a espera dos exames na nossa vida. Longe dali caminhava sobre ela a dor no lombo de um grande cavalo, mas o ruído dos cascos tornava-se mais débil, perdia-se, e o silêncio, o amargo silêncio que algumas vezes assombra as crianças em desgraça, apagou a linha entre o meu corpo e a terra imóvel. A terra cheirava a solo húmido, a túmulo e a flores. Ouvi o seu odor e chorei sem receio. Caminhei por uma rua estranha, cheia de caixas brancas, caminhei enfeitado com penas sangrentas, sozinho pelo meio dos passeios desertos como se não fosse domingo e chorei com tanta amargura, plenitude e felicidade como nunca mais voltei a fazê-lo. Os fios do telégrafo esbranquiçados sussurravam por cima da minha cabeça, um cachorro vadio corria diante de mim; numa viela lateral um jovem com um casaco quebrava a moldura da porta da casa de Jariton Efrussi. Quebrava-o com um maço de madeira, impelia-o com todo o peso do corpo e, suspirando, sorria para um lado e para o outro com o sorriso bonacheirão da embriaguez, do suor e da força espiritual. Toda a rua estava cheia de estrépitos, do crepitar e do canto da madeira quebrada. O homem batia com o maço apenas para ter o pretexto de se inclinar, de suar e de gritar palavras estranhas numa linguagem desconhecida, não russa. Gritava-as e cantava, com os olhos azuis a saltarem, até que desembocou na rua o cortejo que vinha da Câmara. Anciãos com barbas tingidas carregavam o retrato do czar penteado, os estandartes com santos sepulcrais agitavam-se na procissão, anciãs excitadas avançavam rapidamente. O homem do casaco viu o cortejo, apertou o maço contra o peito e correu atrás dos estandartes; eu esperei o final do cortejo e cheguei a casa. Estava vazia. As portas brancas estavam abertas e a erva junto do pombal pisada. Só Kuzmá não tinha abandonado a casa. Kuzmá, o varredor, estava no alpendre e amortalhava o falecido Shoil.

- Andas no vento como o mau farrapo - disse ele ao ver-me -, estiveste fora uma eternidade... O povo deu cabo do teu avô. Aí o tens...

Kuzmá gemeu e tirou da berguilha do meu avô uma perca. Tinham metido no meu avô duas percas: uma na berguilha outra na boca. O avô tinha morrido mas uma das percas estava viva e estremecia.

- Carregaram contra o avô e mais ninguém - disse Kuzmá atirando com as percas ao gato -, mas deu-lhes que fazer, de que maneira; um tipo formidável... Tapa-lhe os olhos com moedas, anda...

Nesse tempo, com os meus dez anos, não sabia para que precisam de moedas, os mortos.

- Kuzmá - murmurei -, salva-nos...

Aproximei-me do varredor, abracei-lhe as velhas costas derruídas, com um ombro saliente, e vi nas suas costas o avô morto. Shoil jazia em cima de serrim com o peito descido, a barba erguida, os borzeguins calçando-lhe os pés nus. As pernas separadas estavam sujas, violáceas, mortas. Kuzmá atarefava-se em torno delas. Amarrou as mandíbulas e pôs-se a pensar que mais poderia fazer com o morto. Andava como se tivesse em casa móveis novos e apaziguou-se quando penteou a barba do morto.

- Deu-lhes que fazer - disse sorridente, olhando o cadáver com carinho. - Se tivessem sido só os tártaros tinha-os arrumado, mas vieram os russos e com eles as mulheres russas. Aos russos custa-lhes perdoar. Conheço os Russos...

O varredor colocou mais serrim debaixo do morto, tirou o avental de carpinteiro e pegou-me pela mão.

- Vamos ver o teu pai - murmurou apertando-me com mais força -, o teu pai anda à tua procura desde manhã. Não vá acontecer que morra...

Kuzmá e eu fomos para casa do recebedor de impostos onde meus pais se escondiam do pogrom.

Notas:

1 Na Rússia, as classificações vão de 0 a 5. A primeira positiva é 3.

2 Para melhor compreensão do que vai seguir-se, trata-se do facto de que nesse dia teve lugar um pogrom, movimento aparentemente popular mas normalmente dirigido do alto, em que eram assaltadas e destruídas as casas e as vidas dos judeus. Naquele ano houve uma vaga terrível de pogroms de lés a lés da Rússia.